

DAVID GROSSMAN

O livro da gramática interior

Tradução do hebraico
Paulo Geiger



Copyright do texto © 1991 by David Grossman

A epígrafe foi retirada de *Cartas a um jovem poeta*, de Rainer Maria Rilke. Tradução de Pedro Sussekkind. Porto Alegre: L&PM, 2009.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

סֵפֶר הַדִּקְדּוּק הַפְּנִימִי / Sefer ha-dikduk ha-penimi

Capa

Raul Loureiro

Foto de capa

Anne-Marie Webe/ Getty Images

Preparação

Ana Cecília Agua de Melo

Revisão

Mariana Zanini

Luciane Helena Gomide

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Grossman, David

O livro da gramática interior / David Grossman ; tradução
Paulo Geiger. — 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

Título original : Sefer ha-dikduk ha-penimi.

ISBN 978-85-359-2524-1

1. Ficção israelense I. Título.

14-12887

CDD-892.43

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura israelense 892.43

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

1.

Aharon se ergueu na ponta dos pés para ver melhor o que acontecia embaixo: seu pai e sua mãe saindo para respirar um pouco de ar fresco ao fim de um dia de calor seco e sufocante. Tão pequenos vistos daqui. O gosto poeirento da persiana sobre seus lábios e em seu nariz. Seus olhos brilham. Não é legal olhar para eles assim. Assim como. Assim do alto. Daqui eles são mesmo pequeninos. Como dois bonecos. Um grande e gordo e lento, o outro pequeno e pontudo. Assim não é legal. Mas é engraçado. E o que tem de engraçado dá um pouco de medo também. O que irrita, principalmente, é que Tsachi e Guid'on, a seu lado, também estão vendo os dois assim. Mas ele não consegue se afastar do que vê. *Ial'la*,^{*} se irrita Tsachi, o nariz grosso espremido na persiana, aquela dona já vai voltar e isso vai ser nosso fim aqui. Vejam, cochichou Aharon, o *grush vachetse* também está

* As notas de tradução, referentes sobretudo a termos em ídiche e nomes pouco familiares ao leitor brasileiro, estão organizadas em ordem alfabética, num glossário ao final deste volume. (N. E.)

saindo. Ele vai morrer logo logo, disse Guid'on, vejam como ele está amarelo, esse Kaminer, mesmo daqui a gente vê que ele vai morrer.

O pai e a mãe se detiveram para falar com Ester e Avigdor Kaminer, do bloco A. Nem me perguntam o sofrimento que é isso, suspira Ester Kaminer. A gigantesca figueira sobre a calçada os ocultava e descobria alternadamente, e a conversa chegava entrecortada à janela do terceiro andar. Ele ainda vive por milagre, ela disse abanando a cabeça, que batia no peito de seu marido alto, e a mãe disse com um muxoxo, contanto que não caímos nas mãos deles, só precisam de nós para estudar e conseguir um diploma, e enquanto isso nos cortam em pedacinhos; e Avigdor Kaminer, com sua estatura elevada, a cabeça sempre curvada, o rosto fechado, olhava para sua mulher falastrona, para as pernas grossas do pai de Aharon espremidas em suas calças curtas, para uma fileira de formigas carregando um besouro virado. E como tudo é caro, se lamentava Ester Kaminer, todos os remédios e dietas e isso de ter de ir de táxi especial para a diálise. Acho que a Kaminer'che já não tem mais paciência para esperar que o marido morra, disse a mãe para o pai quando retomaram seu caminho, Aharon via os movimentos dos lábios dela e conseguia ler o que dizia, ele já está saindo caro demais para ela, e quem será que ela imagina que vai fisgar depois dele, porque, apesar de todos os dotes de que ela dispõe há tanto tempo, agora o cabelo dela começou a cair todinho, e ela não engana ninguém mudando o topete de um lado pro outro, já dá para ver pedaços inteiros do couro cabeludo. O pai de Aharon sempre faz que sim com a cabeça quando ela fala, e depois que ela se cala também, e agora ele se curva para tirar alguma coisa da calçada, um jornal velho ou uma casca de fruta, é difícil ver daqui, e a mãe fica de pé, ereta, olhando para ele. Só não toque em mim com as mãos sujas dessa imundície, foi o que provavelmente lhe disse, pois as costas dela

se esquivaram da mão dele, e olhe quem está chegando. Aharon viu o sorriso azedo nos lábios dela, vamos ver se esse esnobe vai nos cumprimentar, *shalom*, sr. Strashnov, e como vai a senhora?

Olha aí, seu pai chegou, disse Aharon numa voz inexpressiva. *Ial'la*, Guid'on não se desgrudou da persiana: era o pai dele. Muito bem-vestido, como sempre. Calças de terilene e gravata, mesmo nesse calor. Em seu andar um pouco saltitante passou junto ao pai e à mãe de Aharon, acenou com a cabeça, sua boca pequena e carnuda sempre contraída, por um momento se curvou num gesto de hesitação, esse é seu cumprimento, mais do que isso não é do seu feitio, mas o pai de repente teve o impulso de detê-lo um pouco, “Voltando dessa... da universidade?”, e o pai de Guid'on de novo entortou os lábios, estou indo, estou indo, Guid'on murmurou consigo mesmo, em silêncio, essa expressão do pai dele vinha sempre antes de qualquer fala, como o pigarrear de uma alma amargurada, ele balbuciou alguma coisa para o pai e a mãe de Aharon e voltou-se para ir embora. Ele não abre a boca nem mesmo para arejá-la um pouco — ah! ah! — o doutor, esse intelectualoide que não traz um centavo sequer para casa, e a mulher dele tem de quebrar os dedos na datilografia, resmungou a mãe consigo mesma, mas cumprimentou o sr. Strashnov educada e cordialmente, recuando um pouco, como que fugindo da frieza que o cercava.

Arik, lembre que eu disse pra você que precisamos dar o fora, disse Guid'on, e se afastou da persiana. Mas ainda não vimos nada, sussurrou Aharon, o que assustou vocês dois? Tsachi e Guid'on se entreolharam. Ouça, Arik, Guid'on começou a dizer num ímpeto, fitando as extremidades de suas sandálias, a verdade é que... eu já queria dizer a vocês antes, ainda antes da gente entrar — Agora não!, interrompeu Aharon com raiva, e seu rosto pequeno e afilado ficou vermelho, agora vamos fazer exatamente o que tínhamos planejado! E ele se virou e caminhou para

dentro do quarto, que agora parecia ainda mais maravilhoso, e Tsachi e Guid'on foram atrás dele de má vontade, mas num instante eles também foram capturados por aquela respiração quase imperceptível do apartamento invadido, e pisaram em silêncio nos tapetes e tapetinhos macios que forravam o chão, passaram se esgueirando pelo leviatã negro — o piano escuro que, com suas mandíbulas abertas, reinava sobre toda a sala; quem poderia imaginar que no coração daquele prédio residencial, entre os apartamentos amontoados e apertados, fumegantes como uma sopap, flutuava silenciosamente um cubo de gelo azulado como este. Aharon apontou com um dedo cauteloso os três homens negros esguios, ebúrneos, sobre a prateleira da estante de livros, e depois se deteve diante de um grupo de estatuetas de madeira que lá estavam, juntas, como que numa comunidade própria, sobre uma cômoda no canto do aposento. Homens e mulheres nus se dando as mãos enquanto dançam, um menino sentado com o queixo apoiado na mão, um busto todo feito de curvas femininas — e pensou em seu violão, que dorme já faz meio ano em seu estojo, rachado e com cordas arrebentadas; ele aprendera sozinho a tocar, e tocava tão bem, Iochi sua irmã dizia que ele tinha uma luz dourada nos olhos quando tocava. No momento eles não querem lhe comprar um novo, e ainda falta um ano e meio para seu bar mitsvá, e de qualquer maneira eles têm outros planos para ele. Com raiva, andou ao longo das paredes, parou com as mãos na cintura diante de um quadro grande, uma fortaleza fundida num bloco de pedra e os dois mergulhando dentro do mar, essa dona também tem pinturas, não dá para entender nada de pinturas assim, murmurou, e enquanto isso se entusiasmava, olhem só para isto, é como se um débil mental tivesse pintado para ela. Guid'on interveio sem muita vontade dizendo que o pai dele chamava isso, como se diz, de arte moderna, e Aharon imaginou estar ouvindo essas duas palavras da boca do pai de

Guid'on, do jeito que elas sairiam daqueles lábios, eu pegava um martelo e explodia esse quadro junto com as paredes, se enfureceu de repente e seus dois amigos olharam para ele, estão só enganando o serumano, só isso! Dizem que isso é arte, e é tudo enganação! E ao sentir dentro dele um som oco, estridente, chutou um dos painéis para dar ênfase a suas palavras e recuou assustado: teve a impressão de que o piano soara numa advertência.

Então, vamos dar o fora, reclamou Tsachi num gemido, já vimos bastante; não vimos nada e ainda não temos uma prova, respondeu Aharon sem se dirigir a ele; é só besteira isso que você diz, que ela não tem sombra, continuou Tsachi em tom monocórdio; claro que ela não tem sombra, disse Aharon distraidamente, olhando os livros nas prateleiras da estante, grandes e grossos volumes escritos em inglês. O fato é que nunca a vimos sem uma sombrinha no verão e um guarda-chuva no inverno, o fato é que sempre que a espiávamos ela só andava na sombra das casas, dos muros ou das árvores, é assim que ela engana todo mundo; Tsachi respirava ruidosamente, furioso, mexendo ora um pé ora o outro e juntando aflitamente os dois. Seu grande rosto, como uma batata descascada onde tinham sido cravados dois olhos de contas negras, irradiava raiva e rancor na direção de Aharon. Ele foi até a persiana, olhou entre as lâminas, e estremeceu.

Aharon, que percebera seu movimento, correu para olhar também. Embaixo, por entre as folhas da figueira, um homem gorducho mas de aparência frágil apareceu, observando à sua volta. Guid'on também se aproximou da persiana. O homem foi em direção a um pequeno Fiat verde e remexeu os bolsos procurando as chaves. Embora Aharon nunca o tivesse visto antes, soube imediatamente quem era e sentiu o coração bater mais forte. Quando tinha dez anos ouvira pela primeira vez que a mãe de Tsachi, Malka Smitanka, tinha um caso, “alguém mais”. Ele então passou a segui-la ocultamente, e a observava com atenção

toda vez que saía de casa, mas não constatou que tivesse “alguém mais”. O sujeito ajeitou o cinto, alisou os poucos cabelos e entrou no carro. Os lábios de Tsachi se moviam o tempo todo, talvez xingando, talvez lançando um grito do coração até seu pai, na África, para que ele largasse imediatamente o buldôzer que dirigia para a Mekorot, a companhia israelense de irrigação, e voltasse o mais rápido possível para casa. Os três não se moveram da janela mesmo depois que o automóvel seguiu seu caminho, e Aharon sentiu uma ponta de tristeza por Guid'on também ter visto o tal “alguém mais”, pois sabia quanto Guid'on era envergonhado e inocente nesses assuntos, nunca conversavam sobre coisas grosseiras, e quando Tsachi xingava, ou contava suas piadas, Guid'on e Aharon riam educadamente e não olhavam um para o outro. Passou um minuto, talvez mais um, e ainda estavam lá, com medo de cometer um erro ao fazer um gesto ou ao falar, até que a mãe de Tsachi saiu para a varanda, arrumando o roupão, e, gritando, chamou Tsachi para ir comer. Sua voz soava um pouco rouca e amarga. Ela serve almoço para o filho às cinco horas da tarde, disse a mãe de Aharon quando o Fiat verde passava por ela, não vou convidá-la para o bar mitsvá, só me falta ela apertar a minha mão logo depois da mão daquele cara. Ela está chamando você, disse Aharon baixinho, não é da sua conta, murmurou Tsachi, não estou com fome, venham, vamos continuar procurando.

Por mais alguns minutos eles vasculharam em silêncio a penumbrosa sala de visitas de Edna Blum, mal tocando nas coisas, e depois, como que sem intenção, como três peixinhos no sorvedouro de um rio, começaram a ceder à força de sucção do estreito corredor, e foram arrastados ao longo dele até o quarto de dormir, nele se espalharam em silêncio, tocando tímida e rapidamente na cama arrumada com esmero, no espelho redondo, na penteadeira enfeitada, na pequena pia instalada no quarto... Uma meia

comprida de náilon repousava negligente sobre uma cadeira arredondada. Tsachi olhou para Guid'on e Guid'on olhou para Tsachi, e um certo rubor passou pelo rosto dos dois, mas Aharon não viu nada disso e não tocou em nada, pois fora subjugado por completo por um quadro gigantesco, que se estendia, como uma história complicada, na largura de meia parede. Tsachi fez um sinal para Guid'on, olhe só para ele, e Guid'on lançou um olhar ao quadro e a Aharon, foi depressa até ele e puxou-o pela mão, venha, Arik, você vai se complicar se ficar aqui, e Aharon displicentemente afastou a mão dele e ficou olhando para o cavalo que empinava no centro do quadro. Ele sentiu como, contra sua vontade, também seus lábios se dobravam sobre os dentes no esforço de uma respiração entrecortada; bobagem, isso é só arte moderna; mas seus olhos quase saíram das órbitas, como os olhos do cavalo sufocado, e assim como um afogado talvez entenda que o mar inteiro está se derramando dentro dele, assim ele entendeu o grande quadro. Olha o Arik, olha como ele ficou plantado lá. Arik, Arik! Mas seu olhar, com esforço, lentamente foi se estendendo, e agora ele também viu o homem morto estendido aos pés do cavalo, sua mão empunhando uma espada e a boca aberta num grito; viu a figura do touro, cujos olhos não estavam no lugar certo e assim mesmo estavam mais certos do que estariam em seu lugar natural; depois viu os torturados, os pedaços de corpos, e por fim achou também a mulher, sentira que estava ali ainda antes de tê-la visto, luminosa, carregando uma tocha. Por um momento ainda tentou se defender, do quê, de uma simples pintura, quer dizer, mera arte, andou pesadamente para trás, saiu do quarto em passos enregelados, onde estão esses dois, como é que fugiram e me deixaram sozinho aqui, e de novo se viu diante do quadro, e tornou a mergulhar dentro dele, nada aqui é como uma pintura deveria ser. Até eu sei fazer caras e pessoas e cavalos mais parecidos. Mas uma nova visão

lampejou por um segundo — um homem alto, braços largados, de pé e encurvado, que parecia estar dobrado na ponta como a página de ontem de um diário, olhava de um canto. Até mesmo um boi eu sei desenhar melhor, depois de todas as vacas que copiei das capas da *Vaca verde*. Mas surgiram lágrimas em seus olhos, lentas, que tinham se formado, talvez, num saco lacrimal separado e oculto. O que há com você, seu bobo, por que você está chorando como uma garota. Não estou chorando. Se o seu pai te visse agora. Sim, sim, eu sei. Ele lhe daria aquela espetada. Que dê. Ele diria à sua mãe, que diga, Aharon ainda vai nos sair um ar-tis-ta! Intelectualoide!

Guid'on chamou-o da porta, impaciente. Não aguentava mais ficar naquela casa. Aharon não respondeu. Impotente, o olhar de Guid'on percorreu a penumbra do salão, se deteve um instante numa grande concha cor-de-rosa em forma de lábios que estava sobre a cômoda, onde é que ela compra todas essas coisas nojentas, e no íntimo pedia a Aharon que viesse logo, vão nos pegar, quase fugiu, parou, tornou a olhar com espanto para a concha que de repente lhe parecia uma criatura viva envolvendo fortemente com os lábios alguma coisa que estava no escuro dentro dela. “Já fui”, gritou consigo mesmo e saiu rapidamente de lá, pulando os degraus de três em três, Tsachi correu atrás dele, sacudindo a angústia que lhe causava a casa dessa mal-aventurada com os quadros dela e os móveis dela, que parecem ter sido feitos por uma mosca, e os dois sabem que já vão levar uma bronca de Aharon por terem descumprido as instruções.

Mas Aharon ficou. Sacudiu com cuidado uma das esferas de vidro que havia lá, a neve caiu silenciosamente sobre um montanhista solitário e triste, e Aharon permaneceu a seu lado até a tempestade acalmar. Numa prateleira comprida, junto à porta de entrada, havia luxuosas bonecas vestidas em trajes típicos nacionais, quem também tem bonecas assim são Shimek e Itka,

que viajam muito para o exterior, mas aqui há uma verdadeira exposição, vaidosos soldados da Grécia e da Escócia e da guarda da rainha da Inglaterra, e guardas da Turquia e da França, um exército internacional; e de vez em quando, como que por acaso, ele volta ao quadro. Fica diante dele com os braços estendidos, de olhos abertos, de olhos fechados, de frente, de costas, se entregando, e, quando sente que isso já lhe encheu os olhos, recua em movimentos singulares, como se estivesse dançando, e sai por um momento de um palco grande e iluminado, anda um pouco pelos outros quartos, vagando, perdido, uma pantera, um espião, depara consigo mesmo num espelho, se coça, toda a pele lhe coça por causa do quadro, dá uma olhada por trás do ombro, de repente tem a sensação de que ele desceu da parede e veio atrás dele, e, ao olhar aqui para baixo, vê-se uma flor que brota de uma espada quebrada na mão de um dos mortos, e também que o quadro está na verdade cheio de olhos, é preciso se afastar depressa, e de novo o corpo todo está coçando.

Para ele, a casa de Edna Blum era limpa e pura. Olha o rodapé, a mãe cuspiria nele, veja quanto pó em toda parte, até no bairro de Musrara eles teriam vergonha. Mas esse pó, para ele, parecia uma fina poeira estelar que repousava numa casa encantada e adormecida, até o dia em que viria um cavaleiro e romperia este silêncio, e então — Aharon ficou arrepiado, e abraçou a si mesmo.

Parou por um instante diante da geladeira. Hesitou. Porque uma geladeira não é um armário que se abre e fecha cem vezes por dia. Se você precisa de alguma coisa de lá — peça a mim. Segurou a maçaneta com força e abriu, e ficou surpreso. Uma geladeira faminta, a voz aguda dela lhe dizendo: geladeira de vegetariano, cozinha de mulher solteira. Como é que pode uma coisa assim. Realmente, como é que pode, ele sentia em todas as fibras de sua alma, como pode uma geladeira ser assim, vazia,

branca, e onde estão a carne e os frangos e os ovos e as garrafas de leite, e onde os salames e as verduras e as frutas, até os remédios e os exames de fezes, e aqui — nada. Alguns pepinos magros e tomates pequenos. Um vidrinho de creme de leite e uma garrafa de leite. E uma maçã envolta num guardanapo. E queijo magro. Assim mesmo — até que é bonito. Puro. E lá ficou, atônito, diante da geladeira, e queria saber mais, mais: aprender essa língua, o *nazirê*s, que se satisfaz com alusões e sinais. Você está se esquecendo de você mesmo. Ela vai voltar e pegar você aqui; ela não me fará nada. Meu cavaleiro, finalmente você veio. Alguma coisa despertou nele uma jubilosa alegria. Foi até o banheiro sem se preocupar e urinou longamente, e de repente pensou que até poderia se permitir evacuar sem medo, quem sabe, e para testar essa ideia abaixou as calças e se sentou por um momento, desfrutando docemente a sensação, balançando com alegria as pernas envolvidas nas calças curtas, e lá havia outra pequena figura colada na porta, um touro ajoelhado numa arena e uma mulher do público a acariciá-lo, sim, aqui ele conseguirá facilmente, aqui ele vai se permitir. Depois, deu a descarga com maestria, curtindo o fluxo da água na privada sem temer que de lá espirrasse algum tipo de porcaria.

Antes de sair, foi até a janela e de novo olhou pelas persianas, viu o pai e a mãe voltando de seu passeio de todas as tardes, logo iriam desaparecer debaixo dele. E eis que, quando já estavam sob os galhos da figueira, ela veio ao encontro deles, Edna Blum, fuga, fuga, tão delgada, juvenil, o cabelo alourado, plomoso, através das folhas da figueira, este é seu fim, mais um minuto, vamos ver se eu tenho nervos de aço, boa tarde srt. Blum, boa tarde sra. Kleinfeld e sr. Kleinfeld, a senhorita parece cansada, srt. Blum, a senhorita trabalha demais, pois é, é preciso ganhar a vida, sra. Kleinfeld, mas veja como a senhora está pálida, você viu como ela fica vermelha quando olha para você; só na sua

cabeça, Hindele, quem sou eu e quem é ela; a senhora precisa levar uma vida mais leve, srta. Blum, a senhorita ainda é jovem e tem a vida inteira pela frente, ela ja-já vai perder o trem; ela ainda é uma moça, Hindele; essas coisas você deixa eu resolver, Moshe, pode ser que você a veja como uma mocinha, mas eu olho para os dentes dela, e os dentes não mentem, ela tem pelo menos trinta e oito anos; quem sabe ela não quer saber de casamento nem de homens; não quer? ela não quer? você viu como ela olhou para você, como engoliu você com os olhos sem nenhuma vergonha, e ainda se faz de *lemele*, parece que vai desmaiar a qualquer momento, pshi pshi, então boa tarde, srta. Blum, e realmente se cuide, assim é uma pena; sim, a senhora tem razão, é verdade, e boa tarde para vocês também; e ela se afastou deles, ele a via de cima, distante, suave, agora tem exatamente quinze segundos para sair e trancar a porta com sua chave-mestra, mas como poderia se conter e não olhar para ela até o último momento e até depois dele, ela já entrou no corredor da escada, está subindo para o primeiro andar, fuga.

Espere.

Porque, depois de se afastar do pai e da mãe de Aharon, ela armou para eles, foi literalmente uma armação: não subiu logo para casa, pelo visto ficou esperando junto à escada até eles passarem por ela e se afastarem em direção à entrada do outro bloco, então voltou num passo cauteloso, ligeiro como o de um pássaro, o coração de Aharon exultou, ela também joga seus jogos, ela também tem segredos, e se deteve um momento ao lado da grande e ramosa figueira, de braços abertos, se oferecendo à árvore, sua noiva-menina, aspirando seu aroma adocicado, e fechou os olhos e abriu os olhos, e pousou uma mão delicada sobre o grosso tronco. Mas subitamente estremeceu. O pai estava a seu lado. Ele tinha voltado. Como é que ele sentiu. Cuidadosamente tinha se aproximado e se posto a seu lado. Duas vezes

mais corpulento e mais alto que ela. Um boi e uma garça. E onde está a mãe. As largas folhas da figueira se moviam ocultando um pouco e revelando um pouco. Moshe? Ouviu-se de longe o grito. Os ombros do pai se encolheram e o pescoço recuou para dentro deles. Depois ele ergueu a mão e com delicadeza tocou em um dos galhos. Uma nuvem de pequenos insetos esvoaçou e oscilou no ar. Edna recuou. O pai não olhou para ela, e um estranho pensamento passou por Aharon, de que se o pai dele entrasse aqui, nesta casa, ela racharia em torno dele. Moshe, gritou a mãe, que já estava ao pé da escada, a chave na mão, aonde você foi? Olhe aqui, srta. Blum, disse o pai com algum espanto, e as folhas reverberaram suas palavras até a janela do terceiro andar, eu já tinha tido antes esse sentimento, que sentimento, sr. Kleinfeld?, ela inclinou um pouco a cabeça mas não olhou para ele. Um fino véu se avermelhou de repente em sua nuca branca, e só Aharon viu. A árvore está doente, disse o pai com simplicidade. Ainda não se olhavam, e se falavam através da árvore. Minha figueira está doente?, sussurrou Edna Blum com assombro e tristeza. Mas a árvore é de todos, de todo o prédio.

Quando a mãe voltou depois de alguns instantes, viu as três crianças e Edna Blum de pé junto à figueira. Bastou-lhe um único olhar. Algo escuro e opaco lhe turvou a vista. Olhou em volta e não viu o pai de Aharon. Voltou então o rosto para cima e descobriu os tornozelos grossos e avermelhados apontando de entre os galhos em suas sandálias de plástico preto. Com uma raiva contida chamou seu nome. Galhos e folhas se moveram farfanhando, e sua cabeça grande, solar, apareceu: Nem pergunte o que há por aqui, *Imale*, ele lhe disse, a árvore está coberta de feridas, é preciso limpá-la. Ela contraiu os lábios. Apertou a gola da blusa em sua esquálida garganta. Num movimento brusco, como quem fecha um canivete, girou sobre os calcanhares e foi para casa.